

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JEAN-LUC GODARD, PARA SEMPRE
20 de Janeiro de 2023

SOIGNE TA DROITE / 1986

(Atenção à Direita)

um filme de Monsieur Godard

Realização e Argumento: Jean-Luc Godard / **Fotografia:** Monsieur Eastman e Mademoiselle Champetier / **Som:** Messieurs Musy, Bedent, Leroux e Dolby / **Interpretação:** Mademoiselle Birkin, Lavanant, Lafont, Darlan, Sadoyan e Messieurs Godard, Villeret, Perrier, Galabru, Rufus – ou seja: Jean-Luc Godard (o idiota ou o Príncipe), Jacques Villeret (o indivíduo, a formiga), François Perrier (o homem), Jane Birkin (a cigarra), Michel Galabru (o almirante), Dominique Lavanant (a mulher do almirante), Jacques Rufus (o último juiz), Pauline Lafont (a jogadora de golf) e os Rita Mitsouko: Catherine Ringer, Frédéric Chichin.

Produção: Gaumont, J-L.G Films e Xanadu Films / **Distribuição em Portugal:** Filmes Castello Lopes / **Cópia:** da Gaumont (Paris), dcp, cor, com legendas electrónicas em português, 81 minutos / Apresentado no Festival de Tróia em Junho 88 / **Estreia em Portugal:** Quarteto, a 11 de Agosto de 1989.

É um filme de Monsieur Godard. O que não significa que seja, liminarmente, um filme de Jean-Luc Godard. Poderia também ser um filme de Mister Jerry Lewis (e, se negligenciássemos outros tiques de linguagem, talvez pudesse mesmo ser um filme de Monsieur Tati). Seja como for, sempre seria e é o filme de um **Senhor**.

Bem entendido, **Soigne ta Droite** prossegue inquietações e temáticas que os últimos filmes de Godard – Monsieur ou pas – tratavam até à obsessão. Bastaria apelar para a memória de quem viu **Détective**. Sobretudo, essa muito óbvia interrogação do cinema, do seu estatuto e dos circunstancialismos económicos que rodeiam a produção. Resumindo (muito): uma vez mais, em **Soigne ta Droite**, tudo se desencadeia a partir de ideia de encomenda e tudo se consuma no acto de venda. Dito deste modo – entre a encomenda e a venda Godard teria feito o seu filme – o *raccord* entre **Soigne ta Droite** e **Détective** parecerá perfeito. Só que assim se ilude também a mudança substancial de tom e estratégia que anima esta obra a que Monsieur Eastman deu imagem e Monsieur Dolby deu som.

O *raccord*, o *raccord* perfeito, é com Mister Jerry Lewis, autor de **Smorgasbord**. Monsieur Godard, a quem, mesmo os mais obstinados inimigos, reconhecerão, senão outros talentos, pelo menos o de um humor verrinoso, invade com **Soigne ta Droite** os territórios do burlesco, começando pelo que ele sabe de cor e salteado (os automóveis – com a sua fabulosa performance na garagem, no meio de amarelos que fariam morrer de inveja Van Gogh, e filmando a panóplia automobilística, das inovações tecnológicas aos anúncios, com uma alegria que deixa qualquer "criativo publicitário" sem sono para dois meses), passando depois para o que, na obra dele, é completamente novo: os aviões, o golf ...

Monsieur Godard descola, levanta vôo. Os voos espirituais não são alheios a Monsieur Godard (quem nesta sala não se lembra de **Je Vous Salue Marie**), ainda que, quando os filmava, o cineasta permanecesse razoavelmente agarrado ao solo. Agora é diferente: todo o filme se constrói num movimento que nos leva da terra ao céu (mesmo que, sem perdão, seja sempre à terra que se volte).

Numa entrevista, os Cahiers perguntaram-lhe: *"As cenas de avião são uma coisa nova nos seus filmes, como um programa sistematicamente cumprido, de princípio a fim: o registo, o embarque, a descolagem, a refeição, etc...."*. E Godard respondeu: *"Tinha gostado muito, no filme de Jerry Lewis, **Smorgasborg**, das sequências do avião. Havia a ideia de um trajecto, de um percurso, para que as pessoas se reconhecessem. É como nos romances pícaros, ou, para utilizar um grande exemplo, no **Dom Quixote**. Além disso o avião é de estar no ar... Olha-se para a vida na terra e faz-se parte dela. Apesar disso, tenho a sensação, quase todo o tempo, de estar sempre fora dos meus sapatos"*.

É este o mote de **Soigne ta Droite**: todos os seus personagens (o idiota ou príncipe, de seu nome Godard; o indivíduo, a que no genérico se chama Monsieur Villeret; o homem, que é o actor François Perier) parecem – e estão – "fora dos seus sapatos". Dir-me-ão que essa é uma regra de ouro do burlesco, a do "desfuncionamento", das coisas e dos seres – respeitada por Keaton, Jerry Lewis ou Jacques Tati, para só citar aristocratas. Mas, neste Godard, o burlesco desemboca numa tristeza imensa.

Todos os outros eram tristes, bem sei: Keaton, Lewis, Tati, mesmo Chaplin, são todos tristes e mais ou menos – às vezes muito – pessimistas. Com Godard e **Soigne ta Droite** tudo isso sobe exponencialmente. O burlesco é insolente (em particular no avião) até atingir o trágico (na sequência do "estádio de Heysel", com o espectador que grita por Platini, sentado numa pilha de mortos e feridos)... *Ce qu'il faut de sanglote pour un air de guitare...*

Soigne ta Droite, já o disse, revive um género, o burlesco. Mas, depois, é o quê? Ou dito de outra maneira, como é que é **Soigne ta Droite**?

Há duas respostas possíveis. Pode responder-se pela negativa se o quisermos alinhar em categorias temáticas tradicionais: *pas la vie; pas l'amour; pas la mort; pas la politique; pas la liberté; pas le sport; pas le pouvoir; pas la vérité; pas la mémoire*.

Mas também se pode responder pela positiva, sobretudo se se escolher um ponto de vista em que o trabalho do cineasta seja privilegiado (neste passo, sei de quem não hesitaria em dizer: "o trabalho formal"). Nesse caso, **Soigne ta Droite** é um filme feito da vida, com um tempo que só existe (só existia?) no cinema.

Da vida: com uma poesia amarga de que Jacques Villeret (o nosso irmão gordo, batido, derrotado e humilhado) é a mais pungente encarnação: *"puisque vous passez par Paris, téléphonez de ma part à Monsieur Lanfontaine et dites-lui que je l'emmerde"*.

Um tempo que só existe no cinema: os planos de **Soigne ta Droite** são para ver aqui – nesta sala de cinema. Não são para vídeofagos. Não são para passar de umas coisas às outras, a correr, a fingir que, para passatempo e para coleccionar títulos de filmes, datas e filmografias. Isto é um filme, ponto final. Não é para troca. Tóquio dos pobres: ao menos os japoneses compram originais de Van Gogh. Claro que depois os metem em cofre-fortes: um investimento em arte não é para ver: os planos de **Soigne ta Droite** são para ver. Cada um deles. Em terra, nesse primeiro andamento do filme (*"Une place sur la terre"*), os planos são fixos (as excepções só confirmam a regra), para voltar a lembrar os mais esquecidos que um *travelling* é mesmo uma questão de moral e que insustentáveis levezas do ser só lá em cima (*"une place comme au ciel"*), entre Deus e os anjos, na melhor companhia aérea.

Soigne ta Droite é o cinema por Godard reencontrado (confesso que **Je Vous Salue Marie** e **Déctective** se nunca me deixaram indiferente, nem por sombras me causaram a mesma emoção que este filme que agora vamos ver): mostra-nos como se dramatiza uma porta, e se o cinema tantas abriu e tantas fechou, **Soigne ta Droite** é o filme que nos põe entre céu e terra, em contra-luz, com o mar e o ruído dele a entrar por uma porta travessa.